

"O Homem e o Sal"

O MARNOTO: O «demiurgo» DA ACTIVIDADE LAGUNAR

Há dez séculos o «Homem» descortinou na paisagem uns epidérmicos aluviões que iam surgindo pelas esconsas beiradas à medida que a laguna se afirmava.

O ambiente então pouco prometedor, NÃO O REDUZIU; ANTES O desafiou!. Nessas areias ainda movediças «semeadas» por entre a vida marinha, logo nelas foi capaz de descortinar uma réstea de esperança. Descalço, de manaias bem arregaçadas, tronco vigoroso ressoando na untura brilhante que o «Aquilão» vindo da serra lhe provocava, tratou de erguer uns muros de torrão lamacento com que visou aprisioná-las, para as sub dividir num rigoroso esquema geométrico - que mais parecia traçado a régua e esquadro - em viveiros, algibés, caldeiros, talhos e cabeceiras para que o sol e o vento fizessem o supremo milagre de as transformar na alvura cristalina do sal.

O Homem - AQUI - foi o sujeito da reacção suprema sobre a natureza.

Logo que esta punha a descoberto uma ruga nas águas calmas da laguna, logo ele se atirava sob torreira que lhe ressumava o rosto em bagas de suor sofrido, pernas das ceroulas enroladas até ao cimo, camisa arregaçada até aos sovacos, entregando-se num bulício esfalfante de modo a sacar-lhe da epiderme a flor de sal que ia como que por magia depositar-se no que antes era só água.

E se preciso voltando - uma ...duas... e muitas vezes mais -tantas quantas preciso fossem - a começar tudo de novo se a ria com os seus caprichos lhe abrisse fendas nas muralhas do seu reduto.

Era uma tarefa afadigada, um calvário, uma escalabrada amanhação, que tinha o seu início antes do raiar do Sol e só findava quando este deixava de esparralhar sobre as águas os últimos beijos com que acariciava a sua eterna namorada -a Laguna-, escondendo-se numa afogueada despedida lá para as bandas do mar. Amanhã haveria que começar tudo de novo.

Assim que o choro dum maçarico rasgava o silêncio da madrugada anunciando o despertar do sono da repousada laguna - toda ela ainda embrulhada pelo manto ténue da neblina que desfoca a nitidez - , era já tempo de o marnoto descer aos tabuleiros para, num esforço rorejante escoar as comedoiras , dar corpo à bimbadela das barachas e canejas , estrangeir e almanjarrar as lamas, cotejar a cura da marinha para botadela, refazer a moira, ou ariar as funduras dos tabuleiros; tempo de bulir, de rer o sal para o amontoar nas mulas para onde correndo em passo andarilho manja -léguas, o moço afadigado perecendo pular nas traves carregava o canastro num prodigioso exercício de equilíbrio

de ARAMISTA do «circo» da vida . Tudo sob sol impiedoso ou do vento desarcado descendo lá da serra.

Tempo para que na paisagem se fixassem em tela impressionista os pontilhados dos cones de sal de alvura VIRGINAL que, qual espelhos, reflectiam miríades de fogachos rasgando a quietude da paisagem. Cai a noite e com ela um silêncio por onde não perpassa vulto, nem sequer avejão. Apenas o estridente arrepio do maçarico se atreve a romper de novo a paz irreal como que a despedir-se até ao novo clangor com que anuncia o despertar. Do silêncio vem a espaços, o «chape chape» de uma tainha que salta lá do fundo e se projecta brincalhona em voo rasante até de novo desaparecer na profundezas lagunares. O luar permite uma espreitadela até aos contornos longínquos das cigas barreiras que a circundam , por vezes esfumadas por ténue neblina que a envolve. São horas para a Laguna se aconchegar e preparar o seu sono. O marnoto, esse, cai exausto sem tempo para sonhar ou encher os olhos na visão onírica porque o corpo moído já o levou, entretanto para longe do real.

Foi assim o Homem da Laguna

Um pé na marinha, uma mão emborcando a escota da vela branca da bateira que deixava riscado na laguna o sulco do seu afadigado labor, mas tendo ainda tempo -arrojo e perseverança - , para se atirar - «ali ao lado» -à terra frágil, ao tempo ainda menina e moça encharcada de luz e de água, para, num mourejar sofrido lhe «curar» as feridas, sacar-lhe as moléstias, revolver-lhe as entranhas, alimentando-a com o moliço que catava na Laguna, que cedo percebeu, ser o húmus fertilizante capaz de dar estímulo às frágeis plantitas que ousavam vingar, e que, séculos mais tarde se viriam a transformar nos verdes milheirais que lhe debruaram as formas caprichosas.

“Há vários milhares de anos –disse-nos José Almada Negreiros- caíram aqui as célebres janelas do palácio do céu. Ficaram intactas as vidraças nos respectivos caixilhos porque as janelas caíram sobre a relva miudinha. Hoje são as salinas“

O Homem... venceu...

Deles UNAMUNO disse:

“são de facto como que exemplares de uma espécie, em outras partes já extinta”

Triste será o dia em que uma sociedade olvide o mourejo na expectativa de um mundo fácil em que o tempero do pão com que se alimenta chegue por dádiva de uma próxima -ou longínqua – entidade, que não por EXSUDADA labuta.

S.F.